

A Construção Social da Ordem e da Subversão nos Discursos da (e sobre a) População em Situação de Rua de Belo Horizonte

Autoria: Bruno Eduardo Freitas Honorato, Luiz Alex Silva Saraiva, Everton Rodrigues da Silva

1 Propósito central

Tomando como pano de fundo a ideia da formação de um mercado mundial de cidades e sua implicação na produção de um espaço urbano redutor da diversidade (SANCHÉZ, 2001), o presente artigo procura revelar a construção social das noções de ordem e subversão nos discursos da população em situação de rua de Belo Horizonte (MG) e dos atores implicados, a partir do quadro teórico-metodológico da análise do discurso francesa.

2 Marco teórico

A cidade-modelo que emerge das atuais diretrizes do planejamento público urbano dignifica o espaço como mercadoria de consumo, consolidando e criando limites socioespaciais (físicos e simbólicos) e, portanto, novas noções de ordem e subversão. Michel de Certeau critica essa forma de conceber a urbe. A cidade-conceito (ou cidade-modelo) para Certeau (1998) representa uma manifestação utópica delineada nos gabinetes dos arquitetos e urbanistas, de maneira a construir um urbano com formas bem definidas. Essa noção estática é confrontada, pelo filósofo, com a proposta de uma “cidade praticada”. Esse deslocamento epistemológico proposto por Certeau abre espaço para o entendimento da cidade por meio das práticas urbanas. A cidade se faz conhecida pelo seu cotidiano.

Os conceitos de ordem e subversão e as implicações políticas de se estudar a população em situação de rua também foram pensados a partir de Certeau. O pensador francês entende que, nas ações de controle social existem fissuras acessadas pelos sujeitos. Essas ações que exploram tais fissuras são chamadas de táticas: movimentos clandestinos que revelam momentos de transgressão do sujeito em relação às imposições do controle social. As táticas são a arte do fraco, o ato criador e insurgente por excelência diante das estratégias organizadas para a manutenção de uma hegemonia. Ordem e subversão, estratégia e tática no léxico de Certeau (1998), são movimentos que não se separam e na sua oposição produzem-se mutuamente. Mais do que tipificar os atos como ordeiros ou desviantes, cabe ao pesquisador descrever o jogo discursivo que engendra essa diferença e suas implicações na configuração de posições na sociedade.

A ordenação do espaço público, no paradigma da cidade-modelo, valoriza a produtividade, eficiência e a performance, descartando aquilo que se considera inútil ou ineficiente. Adorno e Varanda (2004) mencionam que a categoria das “populações vulneráveis”, que engloba a população em situação de rua, é considerada, nessa perspectiva, uma população descartável e até prejudicial à ordem considerada “natural” da sociedade. Afinal, essa população não garante eficiência e também não interessa à vinculação imagética requerida de uma cidade globalmente amparada pelos investidores privados. A noção de uma ordem que se justifica pela eficiência e pela utilidade de cada um para o interesse do todo implica o desenvolvimento do que Adorno e Varanda chamaram de população em situação de rua como “descartáveis urbanos”.

3 Método de investigação

A compreensão dos sentidos das ações empreendidas pela população em situação de rua foi um princípio estruturante da postura em campo. Guardando coerência com essa posição, a abordagem metodológica adotada é de inspiração etnográfica, fazendo uso do diário de campo, da observação participante e entrevista semiestruturada.

A observação participante envolveu o acompanhamento, às sextas-feiras, durante três meses em 2013, de uma equipe religiosa em sua atividade de auxílio às pessoas em situação de rua em Belo Horizonte (MG), momentos nos quais o cotidiano dessas pessoas estava marcado pelas expectativas em relação às possíveis transformações socioespaciais em função da Copa das Confederações e da Copa do Mundo de 2014 – essas incertezas tomam forma num município que possui um histórico de “manejo humano” (cf. Carrieri, Maranhão e Murta, 2009) em propostas de revitalização do seu centro urbano. As narrativas e impressões vivenciadas nesse processo foram gravadas e registradas no diário de campo. A outra técnica utilizada foram entrevistas semiestruturadas com o gestor e a assistente social do albergue municipal; os técnicos da prefeitura; os coordenadores e gestores dos equipamentos de amparo às pessoas em situação de rua; os usuários do albergue; e a ONG Aliança de Misericórdia.

Os relatos da população em situação de rua coletados durante a observação participante somaram-se às entrevistas, formando o corpus analítico da pesquisa, trabalhado a partir da análise do discurso francesa. A análise do discurso (AD) se utiliza de elementos lexicais e de atribuições de sentido nas falas para interpretar o caminho empreendido pelo enunciador para construir um significado para sua enunciação.

4 Resultados, conclusões e implicações

Olivier Voirol (2008) entende que o compromisso da pesquisa sociológica é dar conta das diferenciações e dos conflitos entre os grupos sociais, dos modos de invisibilidade social e orientações morais informais que emergem na sociedade, enfatizando as condições simbólicas que definem a participação dos sujeitos na esfera pública.

Acreditamos que a presente pesquisa ocupa o lugar mencionado por Voirol. A análise dos discursos dos moradores em situação de rua e dos agentes implicados aponta para (i) um uso subversivo dos espaços públicos da cidade (construção de malocas, espaço como depósito de necessidades fisiológicas, ocupação de praças de modo não convencional, etc.); (ii) um questionamento do enunciado-síntese de Belo Horizonte: uma “cidade para todos”; (iii) a existência de padrões de sociabilidade e acordos tácitos que regem a relação entre os moradores e os demais agentes sociais; (iv) a insatisfação que o albergue provoca em alguns moradores e em sua vizinhança; (v) a construção da noção de normalidade alicerçada no cumprimento de funções que sejam úteis para uma sociedade organizada em torno do trabalho capitalista e da cidade eficiente; (vi) a prática da “caridade contraditória”: ora vigora o desinteresse e o preconceito que legitima as ações de repressão social e higienização, ora a compaixão e o assistencialismo; (vii) o reconhecimento político da “escolha pela rua” e pelo questionamento de uma adaptação obrigatória à ordem funcional da sociedade como um pressuposto para o usufruto de direitos civis e para obtenção de um respeito social. Quando a população em situação de rua é colocada no lugar de vítima, há um esvaziamento político-identitário desse grupo, que tende a legitimar as políticas assistencialistas e de higienização.

Mudar o enunciado discursivo de descartável/incapaz para o de “escolha” é importante para reconhecer a identidade daqueles que optaram por morar na rua. É a base para a politização da luta identitária que deve ter como propósito informar as políticas públicas sobre a necessidade de reconhecer essas vozes anônimas.

5 Referências

ADORNO, R. C. F. ; VARANDA, W. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 23-45, jan. -abr. 2004.

CARRIERI, A. P. ; MARANHÃO, C. M. S. A.; MURTA, I. B. D. Crítica ao manejo humano em Belo Horizonte. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 6, p. 1315-1342, nov.-dez. 2009.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 1.

SÁNCHEZ, F. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. n. 16, p. 31-49, jun. 2001.

VOIROL, O. A esfera pública e as lutas por reconhecimento: de Habermas a Honneth. *Cadernos de Filosofia Alemã*, São Paulo, n. 11, p. 33-56, jan. /jun. , 2008.